

Elogio ao Tempo
ou
Em Uma Noite Uma Vida Se Faz

Daniel Chagas

Adentro agora meu jardim da infância, onde todas as estações passearam comigo nos vãos da verdade e da mentira, colorindo do seu jeito meus passados de criança que gostava de brincar com fantasias de bailarinas e teatros mágicos em frente a lareiras apagadas. As imagens são turvas nuvens de memória; apagadas como uma dedicatória escrita com lápis a um ex-amor. Tudo o que escrevi é em um presente tão longe que nem sei mais se estou viva quando me posto aqui. Consegui ser ouvida e vista por aqueles que me lamberão os ossos, pois que carne já não tenho, temo; terei de ter gana para agüentar as amarras que eu mesma me pus. Amarras eu disse? não; algemas de pompons vermelhos que uma dezena de dedos me prendeu por diversão infanto-masoquista e eu apenas sorri e meu cabelo cresce. Ainda não sei se começou ou terminou o verão, não consegui sair de debaixo do cobertor; suo frio ou tremo de frio e por isso suo? Sei que por mim passaram mil e tantas vontades e elas sim me davam frios calores de subir e molhar a nuca. Foi verão que eu falei... Então que seja! Minha janela permanece aberta; venta na cortina de cetim que ganhei de um pretenso admirador. Um dia ele há de me dizer: *não se pode ter cortinas brancas aqui! Não de te ver a fazer coisas. É preciso preservar-se.* E me dará lindas cortinas de um cetim chinês, se não me engano, e me convidará para fazer as “tais” coisas; depois mandará; enfim há de me obrigar de um jeito que a simples lembrança revira-me as entranhas de dor. Sorri sem dentes ontem pela primeira vez. Amanhã vou retirar essas cortinas daí, pensei, Vou fazer calças. E um robe no melhor estilo oriental, se sobrar pano; a prioridade é das calças. Tenho uma velha máquina de costura que ganhei do meu próximo vizinho em troca de uns gracejos safados, e digamos simbólicos, estes sim de bom grado. Aqueles outros me renderam hematomas, cicatrizes sem queloide e, pelo menos, um par de calças. Que posteriormente soube serem idênticas às de um estilista vietnamita, que me quis processar por posar em uma revista de moda alegando que fui eu mesma quem as desenhou; também fui eu quem disse: nada se cria, tudo se transforma, eu acredito no inconsciente coletivo, nos arquétipos, nos aforismos e nos dogmas religiosos. E porque não? Ninguém me acionou judicialmente por estes dizeres. Prova que uma calça vale mais que uma idéia. Meus sexos escorrem por noites vazias e falas mudas de rostos conhecidos. O discurso é sempre o mesmo e eu ainda caio por não ter parâmetro confiável de mudança. O novo vizinho também me admira; me deu cortinas de brim. Minhas calças de brim andam apertadas, não

engordei um grama sequer, acho que aquele meu antigo admirador engordou-me com maus olhos de quem sente saudades e não pensa em quem ficou feliz com a suposta separação, pois que há sempre uma parte mais feliz que a outra; desta fatídica vez eu era a alegre! Graças às calças que me fiz. O que farei se ganhar persianas? Vendo a máquina ou peço que me devolva os gracejos a este recente vizinho que, pelo surpreendente acaso, morou aqui em minha cozinha o tempo suficiente de me dar a velha máquina e me lambar os pés secando-os com as barbas mal feitas. Em sua inexplicável passagem deixei-lhe um rastro de homenagem em letra bonita. Meu sangue nele tatuou-se. Mesmo com todo este bonito tributo e, é claro, todo orgasmo falso ou verdadeiro que o dei, nada me foi retribuído além de calças apertadas de brim; o passo é lento e as coxas ardem. Toda mulher tem dentro de si uma, digamos, leoa faminta, num cio interminável. E outras vontades de tão grande importância, mas que agora neste relato ficam postergadas... Fome. Falo de fome; Fome do falo, falta que falo do falo que come. Uma apetência que nenhuma rima se aproxima ou homem conhece, e que muitas fêmeas tremem de absoluta covardia ignorante, mas temos sim um apetite voraz pela carne humana. E por cortinas e calças; digo eu. Apetite que nos torna predadoras de sonhos comuns, costurados em fantasias vãs por cérebros desocupados onde a Rainha Mab fornicava em generosa desordem com seus devaneios de olhos entreabertos. E eu estirada numa cama qualquer, agora sem cortinas, destrincho cada cicatriz e minha carne revira e fico em carne-viva e em carne-morta, sem vizinhos ou membros destroçados; salivo e gozo um gozo ruim, porque não o quis, mas aconteceu e ponto. De repente os sinos tocam e anunciam a chegada do Outono... É o primeiro que passo nua e as folhas começam a dançar passeando por mim como numa coreografia impensada; cortaram-me o cabelo e me deram finalmente as persianas. Tenho a sensação de estar retrocedendo no tempo; não fico mais jovem nem velha. Desisti de reaver meus gracejos. Recolhi as carnes expostas e reordenei meus órgãos; onde havia um estômago jaz um pedaço de rim que se esforça para desempenhar novas funções, meus pulmões agora acumulam a urina que desta vez é produzida pelo coração. Insaciável, poderiam assim me chamar os homens como meus vizinhos me foram; diziam para mim que só de pele, pêlos e carne é um ser humano. Que bicho que é tão diferente deles? As flores se vão sem saber para onde e eu sigo correndo como Dorothy, pelas trilhas serpenteantes e douradas de um destino qualquer. Ela com seus sapatinhos e eu já sem as minhas calças-cortinas e até por isso comprei um par calçados vermelhos que lembraram meu atual amante a simpática personagem da antiga história infantil. Dele ainda não tenho muito a falar. Estamos alegres e fim. Por onde entro, o estrago necessário é feito e depois saio lambendo os beijos daqueles que sobraram diante de mim; e agora eu rio! Olhem-me e me digam se não posso ser dócil como uma heroína romântica de novelas e contos para crianças... Pois que sim! Sei que sim. Mas há dentro de mim toda magia da *Bruxa do leste* e confesso sem piedade que com ela simpatizo. Para começar somos iguais, pois organizamos um exército de símios; bem, confesso que os meus não são alados, no entanto me dão presentes! Uma outra gargalhada deixa-me rouca, o que é raro, e preciso prestar atenção aos motivos que me fizeram rir. Onde outrora havia o esôfago se posta o intestino grosso e meus dentes amarelaram; Invisto em paradoxos. Pois posso mentir-lhes uma vida

inteira e ainda sim não de me acreditar. Possuo o descrédito dado às mulheres bem dotadas de beleza! E que fique registrado que li Victor Hugo e sei de minhas escuridões e é exatamente por isso que inebrio os maiores amantes do Romantismo. E aos céus com as bruxas! Caliban poderia ser meu filho! Não de Sicorax! Ela é a mãe de Ariel, que nem gerado foi. Estaria aí a prova concreta de que ela é uma verdadeira bruxa! Não me acreditam, eu sei. Asneira de quem pensar que quero liderar um exército de mulheres antropofágicas; tenho os meus macaquinhos, mas confesso que a idéia me parece interessante. Existem fêmeas que têm dieta assim, mas o petisco se é entregue pela própria presa e pedaço por pedaço estas sorriem cada vez mais até se tornarem matéria fluida de si mesmas; como uma cobra que come o próprio rabo. E do lado de fora um anjo passa e silencia os mudos. O fígado está por hora responsável por bombear-me o sangue pelo corpo alterado, minha pressão baixou, não mais bebo álcool, no entanto emagreci e meu nível protéico é excelente. Minha nudez se abre e o vermelho da carne deflorada é meu, teu, dele e dela e a paleta me elege por cores quentes. Ainda nada tenho a falar sobre este novo amante, somente que ele não é meu vizinho e não me deu cortinas... Talvez seja por isso que é o que por mais tempo come à minha mesa de pele clara. Vejamos o que o futuro lhe aguarda. Uma rajada de vento branco corta meus pelos. Acho que preciso de novas cobertas, aquelas do verão-possível não me aquecem nestas “temperaturas amenas”, com a permissão dos eufemismos. A estação de frios chega com cores sóbrias e cabelos maiores e gorros. E como os ursos, eu estaciono minha varinha, meus sapatinhos vermelhos e dispenso meu exército. Ao invés da clausura, abro-me alerta às batalhas que a solidão convencional me trás. E caminho de cabelos longos e pernas depiladas por entre florestas congeladas, com uma faca nas mãos. É o primeiro inverno que passo nua. Meus órgãos se re-desorganizam numa dança sem fim, posto que agora tenho um pâncreas no centro da cabeça. Salivo sangue e vou digerindo cada idéia como um bife renhido; pesada e demoradamente. Atravesso cada gota de chuva que se transforma, litro a litro, em refinadas bolinhas de neve; bolinhas cujas texturas fazem-me recordar momentos de criança, eu mesma sentada à varanda de uma casa nova-antiga quando passava noites em claro imaginando como seria se garoassem algodões. E as pernas de outrora também eram isentas de pêlos; há quem diga que eles são os últimos resquícios primitivos que temos, em breve seremos pelados e coloridos. Um punhado de cores distintas a passear sobre a aquarela terrestre; outra regressão me nasce nas sinuosidades cerebrais, que sem querer regressaram ao local de origem; ou seriam nas cavidades cardíacas que neste momento filtram o sangue e as toxinas? Tanto faz, sei que vejo, re vejo pinturas minhas de épocas em que os lápis de cor me faziam mais feliz do que meus próprios pais e mães; pois sou o antônimo dos órfãos, nasci de meia dúzia de ventres profanados por duas dúzias de falos, e nenhum deles me amava e eu amava todos eles. Amor de criança desamparada, só, friável e pequena. Outra vez eu falo do falo, e que a falha me falte pra que a fome se exalte! As rimas e memórias me fazem esquecer que congelei ao tropeçar num lago recém esfriado e ali fiquei por muito com a faca nas mãos a cortar esculturas de gelo para coquetéis decorativos e defendendo-me de anêmonas desgarradas e tubarões, visto que estes me serviam como saco de dormir e aquelas me alimentavam de seus tentáculos esponjosos. Com os cabelos

já tocando os pés escapei da lagoa e chorei só para ver minhas águas transmutarem em neves. Fiquei cega tanto quanto numa vez quando criança que não quis ver um dos meus muitos pais errar de cônjuge e embrenhar-se numa outra minha mãe. Uma outra. E assim deu-se um tiroteio verbal tamanho que enterrei meu rosto na terra batida com força suficiente para conseguir fazer minha vista e narinas conhecerem o subterrâneo. De olhos colados pelo gelo lacrimal acirrei outras disputas, colhi folhas secas para maus túmulos; ouço re ouço as vozes dos meus antigos vizinhos e sinto o que se pode chamar de medo e ao erguer a faca percebi que dormia; dormia ao lado do meu amante de moradia longínqua que por esta noite caíra de bêbado ou havia se fingido assim para comigo ficar, os motivos da embriaguez excessiva ou da mentira alcoólica nunca me foram revelados. A palavra amor atravessou meu cérebro e interrompi-me por décadas. O corpo voltava a si. Falava da faca. Do sonho. Do golpe. Não? Não disse golpe? Pois. Nesta. Noite. Matei. Um. Homem. E fugi para voltar às florestas ainda sem enxergar, mas agora sem cuidado algum; pelos outros e por mim. As folhas ficaram pelo caminho juntamente com maços de cabelo que deixei sobre o corpo do amante morto e que deixo embaixo de cada nova vítima. Pensei algo! Curioso a guerra acontecer quando o exército está dispensado, fiquei sem pêlo algum e minha pele seca e re seca e faz noite e está de frio; as mãos não obedecem mais, uma delas já é vermelha, pois os sangues que a banharam jazem cristalizados (dou uma enorme gargalhada sem perder a voz) – vejo com estas lentes congeladas; de gelo verdadeiro, que o líquido vital, em seu íntimo, é púrpura e possui glóbulos verdes como protetores, assim como os mais fiéis seguranças particulares, pois que são capazes de morrerem-se por aqueles que defendem. Acho que estou branca por fora. Se estivesse no hemisfério norte, dentro de dez segundos se daria a passagem do ano oito segundos para o reveillon seis para o calendário reiniciar a tabela dos meses dois para o mundo GRITAR! Porque? Qual a diferença de ontem para hoje? Ontem ainda teria um bom galanteio a me esperar e eu o embreagaria e transaríamos como macacos selvagens sem que ele soubesse de tudo e ao fim da noite, depois de um pesadelo de cortinas e calças eu o mataria sorrindo. Não sei se chorei por seu falecimento porque não derramei lágrimas; só vou saber quando desgelar os olhos. Fato é que se caírem águas salgadas, chorei, se não – Creio eu que este é o primeiro parágrafo desta conversa, posto que até aqui ouvimos apenas a contracapa dos versos em prosa, porém este não é o início. Eis-me aqui. No vazio dos tempos, como que re memorando fantasias e verdades sombreadas por cortinas, olhos cerrados e órgãos nômades. Fiz o que pude para essa verborragia não terminar em pílulas de sabedoria de botequim, mas não frequento outros lugares a não ser os pobres bares das cidades mal acabadas a procura de um miserável qualquer que me possa dar sentido à vida. Desminto tudo que antes fora dito e desdigo o que acabei de falar. Verdades ou mentiras não me interessam, a não ser que sejam sedutoras. Já não sei mais como me senti quando o tempo frio cessou; passo a inventar fábulas minhas e tento atribuir a elas outros protagonistas. Sem sucesso. Apreendi a dialogar somente em primeira pessoa, então façamos um trato: eu fantasio que estas passagens não são minhas e vocês fingem que me acreditam. Assim posso permanecer acordada e consigo cometer outros delitos mais ou menos sádicos. Com as novas temperaturas as

duras faces coram e colorem os ares antes frios de inverno e minha nudeza abraça pálpebras coladas pelo gelo de lágrimas glaciais. Não existe caça. Não existe rivalidade. Nem passado que se possa visitar. Caíram-me das órbitas meia centena de gotas palatáveis, mas não fizeram diferença. O vento primaveril levanta as saias que vesti de uma rapariga que, por vaidade, decapitei. Ela se parecia demais comigo. Assim como três das minhas seis mães. Agora cinco porque num arroubo incestual entre pais e mães uma delas cortou os pulsos e deixou-se terminar à vista de todos, eu inclusive; fez questão de me colocar na primeira fila. E me ofereceram um copo do seu sangue e bebi. Minha mãe tem o gosto doce de uma maçã; pedi outro copo, mas não me deixaram sorver-lhe mais. Por dias meu corpo se contraía dolorosamente em sufocados gritos de abstinência materna. Fora o único beijo que dela recebi; com gosto de maçã. Não me lembro mais de seu rosto, nem de suas mãos quando me faziam carinho; será que me havia de fato alguma vez feito carícias? Regrido pela terceira vez, e peço que seja a última. Vejo sim que uma vez fora tocada por aquela mãe-maçã... A reticência me viola em sentimentos como ela o fez com seus ódios e culpas toda vez que mirava meus olhos azuis; já os quis negros para não receber tais olhares da genitora, que de todas, era de mim a mais semelhante. E um tapa estala na minha cara e em lágrimas honestas eu lembro do dia exato que, por amor, ela me esbofeteou para não me matar. Há arbustos coloridos por novas flores e eu me vejo numa delas quando não sinto mais nada por aquela mulher. Sou como uma flor de plástico que cheira para aqueles que bem entendem seu valor de “falsa-flora”; e meu jardim retoma matizes de estações passadas entre berros de maritacas e solidões infantis de ausência doméstica. Ainda ouço as palavras finais do meu amante assassinado; “Adeus, meu amor”. Chamou-me de algo que eu não sabia o que era e me agradeceu por tudo. Eu grito; silencio as maritacas e toda família. E tudo isso daqui, onde agora estou nesta primavera de vida, em frente ao portão de uma casa que podia ser minha como herança. Nada me foi dado. Muito me foi exigido. E surpreendi todos eles e até a mim mesma quando optei pela vida; de costas para a grande casa eu me despeço de pais, mães e de mim mesma. Um passo. Cai-me das costelas um pedaço de coração. Preciso não olhar para trás. Outro passo. Escorre pelas unhas um sangue negro e denso. É necessário andar. Terceiro passo. Por entre as coxas eu sinto passar meu útero retalhado. Escuto o som abafado quando ele cai no chão. Quarto passo. Os dentes obedecem a lei da gravidade. Lambo a macia gengiva e sorrio sem dentes pela segunda vez. Quinto. Os seios murcham. Sexto. Ouvidos se calam. Sétimo. A pele enruga. Oitavo. Os cabelos reavidos se vão no vento. Nono. A vista embaça. Décimo. Adeus, meu amor.

Pegaram meu corpo e agora o carregam como a uma indigente. A escolha é simples, estar morta ou não. Deixar que me enterrem sem nem eu mesma saber onde estarei. A luz sobre o braço dele. Esta é a última memória do homem a quem entreguei outra parte minha. Uma que nem sei mais se existe – também não sei se eu existo. Mas o braço dele sim, aquela luz amarelada sim, minhas pernas abertas sim, o desejo do mundo não... Não há mais nada dentro ou fora do sonho que tive, e ele participava; sim, participava sorrateiro, pronto para me matar com a mão na minha cintura. Dormi, acho. Era a única saída. As vozes não me chegam, eu nada reconheço. Componho o meu réquiem mudo. Talvez moça, menina, garota, maluca ou gostosinha. Assim me chamam meus socorristas, vestidos de cinza e vermelho. Isto é uma criação minha, pois se estou de olhos e ouvidos cerrados, como saber sobre barulhos, cores ou formas? Três vozes, coladas a membros musculosos, me erguem no ar em direção à vala mais próxima. Outros dois sons me atravessam o seio, as costas e minha vagina contrai em uma espécie de lembrança involuntária. Duas vozes. São eles. São deles. O estratagema está montado: três homens carregam aquilo que fora meu corpo para depositá-lo em uma cova e outros dois fizeram-se responsáveis pela minha morte, mesmo que falsa mesmo que real. Puxam-me o cabelo fino que ondula entre dedos roliços. Todos eles fizeram isto. A cor amarela lampeja dentro de mim. Cabelos. Fora um descuido, sim. Não me quiseram estuprar. São socorristas, bombeiros, homens... malditos homens de roupas cinza. Malditos homens de amores turvos. Uma unha me escapa da mão e dói o agudo da despedida. Ontem mesmo eu fazia amor e tinha todas as unhas e também todos os machos que queria. Em outros tempos nada me acontecia de simbólico ou de relevante. Súbitos ares de desespero me roçavam o espírito e excitavam o seio esquerdo, porém eu jamais poderia antever a queda. Tão sublime era o vento. Tão singelo era o seio pequeno endurecido sob o sutiã infantil; a espera da extinção não incomoda mais. Atormenta minha alma a ideia de estar viva – eu caio. Sei que a terra úmida suja-me o rosto e os homens discutem mudos sobre quem é o culpado por derrubar a morta; o cadáver que ainda respira sem querer, diga-se de passagem, eu. Uma passagem. De avião. Para qualquer lugar do planeta que possamos espiar de onde veio tanta capacidade de fazer da espécie humana algo mais relevante do que a areia que agora engulo. Ele me prometeu o mundo, sujou-me de mim mesma e foi para o lado escuro da lua. A Terra é imensa e a terra molhada está perto demais para que eu possa apreciar a genialidade de Deus. Deus? Eu não sei por que esta palavra saiu de mim. Sim. Uma palavra; não. Eu respeito por puro despeito por quem não olhou para mim. Agora vão dizer que é responsabilidade minha?! Putos, sem graça! Os homens perdem-se por tão pouco. Não sou a mais bonita. Não tenho um corpo esbelto. No entanto não discuto padrões, não posso mais falar... tenho lama na boca. O gosto me ativa novamente este sentido. Fico transtornada por reaver o paladar. Não o quero mais. Recordo de um gosto particular. A língua que se parece com a terra. Pesada

língua que me corrompia zonas erógenas. Gosto de cerveja quente no fim de uma noite de espancamentos verbais. Gosto de cigarro na boca dele. Gosto de brigadeiro queimado. Gosto de ferro – ácido corrosivo poderia ser, mas não era. Se eu tivesse me matado um dia antes de conhecê-los? Eram dois, sim? Ainda se embaralham em uma reminiscência indesejada não quero a recordação não posso com ela ou posso comigo ou penso com eles em mistos de vultos sombrios e sóbrios com asas escuras e rubras visões de súbito entorno da barba que atrita com meus pensamentos sem ver se há tempo de múltiplo alento e estar comprimida num único corpo a ter e ansiar por dois outros corpos de tão mais pesados mas eu que os carrego por meu próprio enredo escorada no chão com medo de tudo amante de todos megera princesa de altiva falência que o mundo compete fazer a ruína da lenda que fui e não consegui escrever sem morrer por simples ausência. (Silêncio. Fique em silêncio por. Ou releia o último trecho quantas vezes for preciso para que eu possa respirar novamente). Preciso de ordem. A menor que seja. Se tentar aqui organizar qualquer imagem ou pensamento, vou fracassar. Tiram-me do chão. Sei disso porque algo muda na boca. Sinto o sabor, mas não sou capaz de perceber o toque. Poderiam me queimar, mas não o fazem. Limpam minha boca com água e dedos. Conheço o gosto de mãos masculinas, mãos que roçam entre as pernas; o paladar do sexo próximo ou do próximo sexo. Ser guiada por um único sentido é mais atroz do que estar ausente. Ele não compareceu ao jantar. Eu estava deslumbrante, no que me competia o máximo fascínio que provoço e aquela noite era meu auge. E não havia ele. Este meu homem sem cigarros ou vulgaridades. Um corpo limpo e tão cruel por excesso de honradez. Eu poderia cuspir-lhe a cara que ele continuaria límpido e brutalmente generoso. Sua primeira falta. Minhas lágrimas eram de felicidade e não de angústia. Sua ausência o manchava – graças a Deus –, eu pensava. Mesmo sem acreditar em deus eu pensava como forma de expressão ou mesmo por transformação involuntária de crença. Não importava nada. Amar. Amar o elo. Eu. Entre eles. Eu, o elo amarelo. Cor insuportável que me deram nos pelos. De um lado a escura lua esfumaçada por cigarros e passagens aéreas, do outro um cristal vívido rachado na ponta. E eu, de braços abertos sendo conduzida a falecer de fato por indivíduos com gosto de mãos. Acredito que estou de braços abertos, quero acreditar; é mais dramático. Vou ser soterrada e poderei saborear os vermes que me hão de comer em uma refeição mútua. Curiosamente, entre eles me ocorreu o mesmo. Eu os devorava e era devorada ao mesmo tempo. Quem vislumbra a tola fantasia de sobrevivência quando se alimenta de quem o engole? Eu. Começa a chover. A terra que outrora eu lambia é salpicada por gotas. Inevitavelmente, o aroma me entra pelas narinas e tudo se adensa. Não! Por favor. É preciso parar antes. O cheiro da tempestade é implacável. Um desejo plácido de morte invade meu estômago. Imagino ser ali. Nada sinto. Quero vomitar e afogar-me em mim; não. Vão descobrir que ainda vivo e podem tentar salvar-me a vida. Isto não. Preciso representar a morta, este é o papel que me cabe agora. A terra molhada se combina com odores de desodorante vencido e suor. Perfume do sexo. Fragrância dos meus homens. Será que são eles que me carregam? Seria um golpe de mestre, ser sepultada por eles. Ao lado da lápide em branco um fuma e o outro toca um velho violão com cordas de aço; ninguém chora, a não ser eu, soterrada e sufocada e purificada de todo falso pecado que me injetaram. Após

aquele jantar solitário perdi a culpa por trair o homem que me amou, amava, ama. O tempo verbal não corresponde ao tempo do tempo. Assim como meu amor não correspondia ao desejo que tinha. A vida seguia subterrânea e estratosférica. Olfato e paladar me impedem de esquecer que vivo, enquanto anseio desesperada pela cova antes que me retornem outros sentidos. Eu pedi para que ele não me procurasse mais; o homem da lua. Enquanto dizia, pensava em cada toque que existiria entre nós dali em diante e minhas palavras soavam tão vãs que qualquer tentativa de retifica-las poderia me dissolver. Eu acordava ao lado do homem de cristal rachado e dormia nos braços de uma lua esfumaçada. O beijo cristalino amaciava-me a alma e eriçava pelos e mamilos. O beijo lunar escoava-me a vagina e eu salivava nas mãos. Dez ilusões. Leia isto sem pensar em números. Leia novamente. Dez ilusões. Quanta idiotice pode haver num ser sem o menor senso de humor. Pena que ainda o tenha enquanto penso na morte iminente. Rir de si foi algo que somente conquistei agora. Sempre tive o dom do sorriso, porém a comicidade me foi comprada há pouco. Penso que flutuo entre odores e gostos vazios; a chuva continua a cair e engulo água involuntariamente; acho. Penso. Espero continuar como estou e na direção que acredito ir. Estou pesada. Carrego comigo litros de sêmen, montes de pelos, ondas sonoras provenientes dos urros de prazer que dei e compartilhei. Gozei a vida como uma jovem cortesã em busca de satisfação. Havia tanta ignorância. Não burrice, nunca. Somente a leviana falha do saber. Tenho vontade de sorrir ao pensar tamanha bobagem. Como se hoje soubesse algo a mais. Sei do gosto da chuva, água pesada sem sais minerais, e do cheiro que antecede a chuva e sovacos azedos. Obviamente não manifesto tal humor. Se me descobrirem viva podem-me salvar. Se me descobrisse amante de outro, ele teria a obrigação de me matar. Ao menos deveria haver sangue; meu. Muito. Sua boca estava vermelha quando descobri que menstruei. Sujo novamente meu homem de cristal. Ele gostou; eu tive nojo e pedi para que continuasse. Eu merecia dedicar-lhe ódio e ele mergulhou tão fundo que senti sua saliva percorrer-me as veias e desmaiei sorrindo. Acordei sozinha, limpa e vestida com um absorvente! Ultrajante tamanho cuidado! Eu precisava me poluir. Nenhuma mulher suporta o amor em essência; sua inverossimilhança é tão real que as ilusões se desfazem, as máscaras caem (como se diz por aí). Um cristal não tem como ser máscara, ele é translúcido! Eu ansiava pelos minutos sujos ao lado das fumaças e passagens aéreas que nunca foram compradas. Sim. Tudo começou e acabou em reles promessas de um mundo inteiro em minhas mãos. Estar viva. Naquela época era preciso viver por eles. Dependiam de mim. Das minhas pernas e boca abertas. E eu me sustentava pelo amor que me devotavam. Dois. Homens inteiros a me amar. Simples trama complexa de um enredo melodramático. Frio. Está frio aqui, penso. E sofro ao entender que minha pele volta a sentir-se. A maldição dos sentidos continua sua cruel revelação e o tato me é devolvido contra a minha vontade e percebo, realmente, que uma unha me caiu. Sinto as mãos que me carregam em total respeito. O mesmo que não tive por mim. Sinto as gotas a bater e escorrer pelo meu corpo. O mesmo que violei sozinha. Sinto tesão pelo toque nas coxas. Sinto muito. Ainda prefiro morrer. E agora percebo mais que antes. Um grito se interrompe entre os dentes e a pressão é tamanha que um deles se quebra. Eu o engulo. Não engasgo. Merda! As lembranças dos beijos tantos, outros, aqueles, roçam minha memória pela

boca que flui salivas pluviais; líquidos que me ajudam a tragar o dente esôfago adentro. E mordo-me involuntariamente e o farei sem parar até que ele me saia pelo cu. Com o perdão da grosseria, mas ela me escapa como a mão dele me fugiu na multidão de medos que criei por culpa de não ter medo algum. A confusão me era tão franca que estava anestesiada; uma espécie de morfina afetiva, de Fentanil amoroso, que depois do uso não me fazia desacordar. Não conscientemente. Eu perambulava pelas ruas entupidas de gentes comuns que nada sabiam do meu ato incomum. Viver duas vidas. Fui incapaz de enxergar que fazia isto. Não me pergunto mais os porquês, eles são desnecessários e burros. Eu sei o que está acontecendo. Tenho todas as vontades do mundo e tenho todos os olhos abertos diante de mim. A pele em que me escondo não me cabe; sufoca essa parte pré carne, afoga a saliva amarga das declarações de amor que foram perdidas no tempo. O mesmo que passará solitário: visitará bons e falsos rumores amantes em fatias finas de mulher. Eu sei o que está a acontecer. A saúde equivale à saudade e não morrerei cedo o suficiente para virar esquecimento dos amores que deixei falecer por falta de minutos. Inúteis são os astutos relógios de mentiras frágeis e tudo não passa de escrotas verdades cômicas... sim. não. Quem sabe? É completamente inútil continuar a perguntar. Passo delicadamente a língua pelo buraco sangrento onde a pouco havia um dente e agradeço a refeição. O copo de sangue alimenta-me de prazer. Um desejo abissal de beber até o fim deste copo-eu; deste corpo-copo-eu. Sorvo o quanto posso todas as dores que tive pela vontade estúpida de perder a memória. O gosto me reaviva imagens. Agradeço pela chuva e posso chorar à vontade, porém sem máscaras de agonia. Mas choro. Feliz por toda tristeza possível. E consigo distinguir as gotas que me escorrem no rosto, as texturas são diferentes. Assim como os lábios deles. Não. Não eram texturas. Pesavam distintos sobre minha boca, sob mim, sub eu. Emergir atrás de sentidos deveria ser a última vingança deles. Acontecia ali ao vivo em minha carne viva através de vívidas sensações. E se fossem criações? De um corpo pré morte num desespero de querer sobre viver, sob viver subitamente em um espasmo esquizofrênico entre sístoles e diástoles. Memória. As promessas esfumadas traziam olhos profundos, repletos de ciúmes e medo. O mundo tornara-se ínfimo diante da nossa condição à *trois*. Insuportável. Eu pensava que aquele homem imponente e nômade seria incapaz de ser incapaz frente a qualquer conjuntura. Novamente estava errada; enquanto os cristais rompiam por si mesmos, as fumaças necessitavam que fossem donas do mundo. Sol. Ambos desvaneceriam se o astro lhes fosse privado. Em mim jamais encontrariam a saída ou sequer uma janela. Graças a... graças a – eu não sou a portadora da luz, o sol não me pertence e, portanto, careço dele em equivalência. Estávamos fadados à morte. Estávamos fadados à noite. Preciso de metáforas para não perfurar meus miolos com nomes próprios ou lembranças piores que as que fantasio neste relato de fiéis inverdades. Nem tampouco sou eu mesma quem escrevo; as palavras flutuantes neste meu caminho pré-cova vêm de outra mente que me cria este óbito na tentativa vã de salvar-me a vida. Astutos são os poetas que usam a existência alheia na mentira camuflada em orações em primeira pessoa. O perdão da sinceridade faz meus olhos arderem em lancinante agonia. Contraem e reviram como se tivessem adquirido vida própria. Os nervos parecem contorcer-se em câibras. Dor. Novamente ela se apresenta com o reavivar de

mais um sentido. Pretendo permanecer cega. Pretendo crer que estou sendo levada ao sepulcro. Não aguentaria ver a porta de um grande hospital e cores brancas. Preciso do marrom da terra a empurrar-me o rosto. O rosto dele ao me dizer que sofria. Reminiscência vadia. Como podia cair a lua do céu? Aquele homem altivo retorcia os músculos da face em expressões impossíveis a ele. Dizia palavras de gente pequena e gesticulava grosseiramente. O grande satélite natural reduzira-se a um frouxo vagalume. No entanto ainda era macho e eu fêmea e à lembrança do fato revivo o impacto de sua pesada mão a estalar contra meu rosto e costas. Colérico, expulsou-me de seu apartamento e de nossa vida. Fragmentos dos meus órgãos ainda permanecem naquele chão, assim como o esguicho de sangue. A profunda agonia ocular me obriga a interromper esta reconstituição. Fachos de luz adentram minha alma como agulhas abrasadas. Controlar a respiração está impossível. Ao expirar os olhos abrem involuntários e a luz engole meu corpo e expulso um grito mudo; também a boca aberta. Rezo com toda a fé, que inventei neste momento, para que não me vejam fazer isso. A claridade é semelhante ao quarto de cristal. Ele estava sentado em uma poltrona branca e sorria entre dentes brancos. Eu, destituída de parte dos meus órgãos, não recordava quem era aquele rapaz para mim. O que ele significava ou como eu me sentia ao seu lado. Era tudo muito claro. Tudo muito limpo. Tudo muito. Tudo. Eu imóvel. Ele idem. Expulsei um sorriso e meus lábios esticados contaminaram Tudo. Um vermelho intenso pintou meu diamante e esta era a única cor impossível de limpar. Eu não precisei dizer nada. Ele rubesceu sozinho; sozinha eu parti e deixei para trás o que me restava de órgãos. Em algum lugar o mundo se apagou. Fecho boca e olhos. As recordações posteriores à perda do meu organismo são embaçadas imagens sem cor, som, ou sentido algum... Noto que paramos. A chuva também. O cheiro que se assoma ao meu redor é triste e urbano. Sou erguida e colocada em um tipo de colchão. Uma maca, penso. Abro os olhos desesperada e avisto aquilo que mais temia. Bombeiros e médicos rodeando meu corpo decrépito. Tenho convulsões e todos tentam me ajudar, porém ficam estupefatos ao entenderem que não há mais nada dentro de mim. Estou murcha. Oca. Olhares de incompreensão, rostos chocados, gritos de cunho religioso, sinais da cruz, gestos de orixás, medo. Têm medo de mim. Do fato de ter perdido os órgãos literalmente e ainda estar acordada. Ouço. Estala-me o tímpano em dor violenta. Porém escuto que tenho pouco tempo de vida. E sorrio banguela diante do definitivo fim. O meu amarelo brilha como um cristal entre fumaças vermelhas. Novamente, o mundo emudece feliz. As pessoas dispersam e lembro-me das escadas de madeira que levavam até o apartamento do meu homem da lua. A escuridão gargalha comigo e o gole do vinho fino me desce pela última vez, mesmo que em fantasia. O tato desaparece e, disáfica, mergulho eufórica e nua num rio congelante. Os aromas se perdem para dentro de mim e afundam ainda mais meu crânio, sinto que desapareço por detrás de cortinas imensas de fumaças tabagistas. Definho. Sei que estou desaparecendo diante daqueles imbecis que me tentaram salvar. É a minha vingança final. Convoquem todos! Anunciem aos homens e aos cientistas que quando uma mulher está determinada a morrer, está destinada a isso. É simples, porém estas duas hordas são precários entendedores da alma e pensam que podem salvar-nos quando o que mais queremos é flunar até evaporar. O último beijo. A lembrança desaba escura ao

passo que o paladar extingue; no vulto de mim compreendo a maldição do desejo. Nunca saberei se morri. Continuarei aqui, a recordar meus impropérios, conquistar e perder todos aqueles a quem tive, ver e rever meus episódios. Estou no sem fim; adentrei o mundo subterrâneo de mim e aqui permanecerei até.